

EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE*

Agostinho Mário Dalla Vecchia**

Resumo: O texto trata da integração do processo racional de construção do conhecimento com a afetividade. A partir das características e dimensões essenciais da afetividade, nosso ensaio visa vislumbrar os processos operacionais que permitem desenvolver uma educação centrada na vida, utilizando e integrando a experiência cotidiana, o modo próprio de viver. O ser e a emoção que brota da capacidade de contato, de criação de vínculos, de amizade solidária, de amor, de fraternidade e de compaixão. Enquanto a amorosidade permeia tudo que existe, a afetividade é a inteligência da vida, no cosmos e no homem.

Palavras-chave: Educação, afetividade, vivência, integração.

* Trabalho apresentado na IV ANPED SUL, nos dias 26 a 29 de novembro de 2002 em Florianópolis/SC.

** Professor da Universidade Federal de Pelotas, Mestre em História do Brasil e Doutor em História do Brasil. E-mail: gusto.vecchia@uol.com.br

Aspectos introdutórios e conceituais

Empreendemos neste momento a reflexão sobre afetividade e educação, e vamos trabalhar na perspectiva da educação biocêntrica, originária da visão biocêntrica, que se inspira no princípio biocêntrico (na vida, portanto), e se articula com o sistema de biodança.

A biodança é a genial forma de operacionalização da educação que integra o desenvolvimento dos potenciais humanos de saúde, expressando as emoções mais profundas, nos colocando em contato com o mais originário e natural da vida em nós, de forma articulada com a educação formal. O objetivo é o desenvolvimento integrado de uma saber racional com o saber vivencial.

A referência é a vida. Um saber racional integrado ao saber vivencial resgata a potência de ação do homem no mundo. O modo operacional para o desenvolvimento e expressão dos potenciais humanos de saúde utiliza a música, o movimento, a palavra poética do facilitador em situações de grupo para que, de forma ritual, se desencadeie o processo orgânico que vai possibilitar a recuperação das condições originárias da vida.

A aplicação do método de biodança integrado à educação permite atingir nosso mundo instintivo, desencadear a emoção a ela vinculada, desenvolver os sentimentos, deflagrar o bombardeio hormonal que vai atuar sobre o sistema límbico hipotalâmico e sobre a estrutura genética, num processo que possibilita o conhecimento mais consistente que se conhece. É um conhecimento sensível, emocional, vivencial, que nos põe em conexão integral com a realidade, numa percepção mais abrangente que a fornecida pela razão. O grande dado estratégico da Biodança é o contato, o grande instrumento é a vivência. O conhecimento racional tem sua raiz na afetividade.

É neste sentido que a educação biocêntrica atua fundamentalmente com a afetividade, um dos potenciais desenvolvidos pela biodança.

A afetividade é um estado de afinidade profunda com o ser do outro que origina sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, fraternidade. É um sentimento que envolve o outro ser humano, um sentimento de amor à espécie. A afetividade nos

identifica com as pessoas para compreendê-las, amá-las, protegê-las, cuidá-las ou rechaçá-las e agredi-las (TORO, 1999, p.03).

A afetividade tem expressão privilegiada no amor e pode ter as dimensões de amor diferenciado, orientado a uma pessoa específica ou pode ter a dimensão de um amor indiferenciado, como o amor pelos educandos, pela comunidade, pelo povo, pela humanidade. Ao mesmo tempo ela é expressão da Identidade. Quando a Identidade é débil a pessoa é incapaz de amar, não aceita a diversidade, cria vínculos defensivos. É o caso da pessoa racista. Existem também, por isso, as patologias da Identidade que se expressam no ciúme exagerado, na raiva, no ódio (TORO, 1999, p. 04).

A vivência da afetividade (propiciada na Educação Biocêntrica) facilita uma renovação biológica. Isto se consegue através da regressão e da progressão. Nestas vivências encontramos ressonância permanente com o originário. Pela rigidez do ego a nossa cultura bloqueia a expressão da afetividade. É preciso regredir à condição de semente, em uma ação anticultural. Estes tipos de exercício podem ser facilitados por pessoas habilitadas. Raramente ocorrem naturalmente nas condições de vida em que vivemos (TORO, 1999, p.06).

Quanto à sua natureza, a afetividade é um sentimento porque dura no tempo. É distinta da emoção embora a envolva. A emoção é de momentos e de intensidade. Tem uma base instintiva, que passa pela sensação, que provoca a emoção, que ao ser elaborada é significada e se torna sedimentada, sentimento. O sentimento dura no tempo. A emoção é fugaz.

Ao desenvolver nossa capacidade de educadores não exercemos apenas um ofício, um papel, mas, através da nossa capacidade de vínculo, de amar, de sermos nutritivos, de expressar nossa amorosidade por nosso educando, estamos promovendo o desenvolvimento de sua Identidade, de sua articulação orgânica e integrada consigo mesmo, com o outro, com a comunidade, com o cosmos. A construção do conhecimento deve estar integrada à afetividade para o educando desabrochar a consciência crítica, o engajamento transformador e criativo, numa Identidade saudável, na sabedoria que integra o saber racional e o saber da vida.

Educação e Afetividade¹

Afetividade e sua dimensão biológica

Afetividade é uma exigência da sobrevivência. Por razão biológica, ao nascer o homem é o que mais necessita de nutrição afetiva. Através de milhões de anos o homem aumentou a massa encefálica. Assim, para nascer ele nasce ainda em estado fetal. Para esse pequeno ser crescer e com o tempo construir Identidade e independência, a afetividade é uma necessidade intensa. No processo de desenvolvimento cotidiano o homem precisa da nutrição afetiva como precisa do ar, da água, do alimento.

E a afetividade parte do instinto. O amor é cósmico. A afetividade é a forma que o amor assume no ser humano. Se a amorosidade que permeia o universo é o ingrediente da criação e da expansão do universo, a afetividade permite ao homem viver, crescer, criar-se, evoluir em seus potenciais ao infinito. Sem este elemento nutritivo a vida não permanece em nós. Qualquer um de nós morre sem afeto.

O afeto é o mesmo ingrediente que precisa a educação para ocorrer como processo de transmissão dos valores culturais, para a construção do conhecimento científico e social e, principalmente, para a construção da Identidade do educando. Assim, “[...] a gênese biológica da afetividade se relaciona com o instinto de solidariedade intraespécie, impulsos gregários, tendências altruísticas e rituais de vínculo. Exemplos do fato são mostrados em cardumes, bandos e manadas” (TORO, 1999, p. 08).

A biologia celular revela que há verdadeiras comunidades de células que integram ações bioquímicas de “cooperação celular”. Em casos de necessidade chegam a alterar o comportamento bioquímico. Um choque afetivo, uma perda afetiva profunda, pode causar dissociações orgânicas e resultar num processo celular cancerígeno.

No homem, os impulsos instintivos culminam em sentimentos altruístas e constituem a gênese do amor. A proximidade de uma pessoa pode provocar uma misteriosa química em nós, mobilizando nossa mente, o sistema límbico hipotalâmico, o sistema endócrino e a produção de hormônios. Enfim, uma renovação orgânica e do nosso ânimo.

A presença do educador é importante na vida do educando especialmente pela forma como se relaciona e da forma como é e vive. Educativamente nós somos sempre afetivos – na linha do amor ou da raiva e do ódio. A fúria de uma pessoa é expressão da frustração do amor. O ciúme, o ódio, a insegurança tem a ver com a expectativa amorosa. Afeto vem de afetar. Pode levar-me a compreender ou a rechaçar alguém. A educação que não considera o afeto, que não leva à expressão do afeto, nega e desconsidera a criatividade. A afetividade está estreitamente vinculada com a criatividade que tem nela o seu ingrediente básico. Na educação biocêntrica, a criatividade é o recurso para expressar e realizar o afeto.

O núcleo da educação é a afetividade. A Identidade da pessoa se forma por um processo de identificação com o outro na afetividade. Uma das percepções fundamentais de Paulo Freire foi a de que a “amorosidade deve permear nossa sala de aula”. A educação popular de conscientização e de politização dos trabalhadores foi possível pela inteira atitude ética de levar em conta a situação de alienação do camponês e, por essa percepção e adesão amorosa, pela sua libertação. O processo educativo de conscientização, de mobilização e de resgate da Identidade foi, assim, possível. Na Identidade sólida e amorosamente integrada se dá a autonomia tão propalada por Paulo Freire. A Identidade se faz na relação.

O amor solidário, desprendido e sensível pela situação do pobre, somado a uma opção ética de luta pela sua libertação, deu sucesso a essa pedagogia que se universalizou. Os políticos e partidários dos movimentos de esquerda que não têm integrado um discurso de mudança a uma atitude realmente amorosa, nada conseguem construir. São muitos e visíveis os exemplos de professores que têm um discurso avançado, dissociado de uma percepção e de uma atitude amorosa. Impõe seus discursos e se contradizem na prática.

É preciso uma educação emocional porque perdemos nossa capacidade instintiva de reconhecer a afetividade e suas qualidades em nós. O amor é o nosso principal alimento. Nossa cultura é patológica. Impregnada pela competição, pelo ódio, pela discriminação e pelo rancor que a perpassam. É uma cultura da morte e da destruição. Nossa sociedade é necrófita, até nas aparentemente banais fofocas.

Se cultivarmos relações amorosas, inverteremos esse processo de dissociação profunda que há em nós e na sociedade, nas instituições, nas ciências, na filosofia, na religião, na economia, na política e na educação. Dissociamos corpo-alma, o conhecer e o saber, razão e emoção.

Desejamos uma educação centrada na vida, uma educação que integre o conhecimento racional e técnico ao saber da vida. A sabedoria une o conhecimento à percepção. A crise do mundo hoje não é crise do conhecimento e sim de percepção, disse Capra.

Para uma educação integrada e integradora do educando o educador terá sua vida afetiva integrada e saudável. Um educador “dissociado” promove a dissociação no grupo; os gritos histéricos com os educandos provocam os elementos patológicos que mostram a incapacidade de entrar em contato e de criar vínculos. A profunda qualificação do educando e do grupo, a promoção da criatividade pelo engajamento do aluno no processo educativo leva à construção de vínculos amorosos, à expressão afetiva, à construção da Identidade. O amor do professor pelo aluno, a amizade, dão mais consistência à autoridade do professor e estimulam o despertar do potencial de cada um. Não estamos preparados para facilitar o processo de desenvolvimento dos potenciais dos alunos.

Neste sentido, a falta de limite que os alunos apresentam é um problema afetivo profundo, uma patologia que é proveniente da falta de limite amoroso por parte dos pais na educação dos filhos e depois pelos professores. A ideologia neoliberal fundamenta o espírito do mercado globalizado. O mercado não quer ter qualquer tipo de limite, principalmente as exigências éticas de justiça diante da situação apocalíptica da fome e da miséria que assola o mundo. Um menino sem limites se orienta pelo mais profundo individualismo e não reconhece a responsabilidade pelo outro, a necessidade da partilha e de limites aos seus exagerados atos. Se o mercado não aceita limites à ganância lucrativa, o menino sem limite, à medida que cresce se torna autoritário e quer impor aos pais e aos professores a sua centrada e doentia postura de exigir tudo para si, sem ter a contrapartida. Se o mercado entende que só a competição é o valor para conseguir o que se quer, o menino sem limites entende que a sua força deve impor a regra do jogo.

Um aluno sem limites, um filho sem limites, é um ser humano sem referencial amoroso. Este fenômeno está destinado a desencadear patologias mentais. Uma educação autoritária provoca a neurose, segundo alguns, a educação liberal provoca a psicose. Dar limite a um educando para que ele se identifique é um ato amoroso, profundo e exigente. Numa relação saudável o limite é amoroso. Na sociedade, patológica em suas relações, o limite que recebemos é destrutivo porque está baseado na defesa do poder, da propriedade, do interesse egoísta e competitivo.

Afetivamente, precisamos sair do nível da sobrevivência para o nível do viver, para a dimensão do viver amoroso, permeando a nossa existência e a do educando. O cuidado a mim e ao outro se dá simultaneamente na relação amorosa. “Ética é o cuidado pela vida sob as suas mais variadas formas” afirma Myrthes Gonzáles na apresentação da nossa obra: *Ética: afetividade e cuidado pela vida* (DALLA VECCHIA, 1999).

Uma das formas de destruir o outro é a desqualificação, tão freqüente nos meios educacionais. Ela vai distorcendo e destruindo o amor. A baixa auto-estima do professor o leva a manipular o aluno para ter o amor. O aluno que tem baixa auto-estima também engendra mecanismos de manipulação aos quais devemos estar atentos.

Os pilares da afetividade

A afetividade está profundamente enraizada na *Identidade*. Falamos aqui na Identidade compreendida no princípio biocêntrico, na biodança e na educação biocêntrica e que se constitui no desenvolvimento de 5 linhas de vivência, cujo eixo é a afetividade. A Identidade, segundo essa concepção, tem dois movimentos: um ascendente e evolutivo que inicia nas protovivências do bebê e que avança ininterruptamente ao longo de toda a vida numa perspectiva infinita de crescimento; o outro pulsante e que ocorre no movimento de transe entre a consciência aumentada e integrada com o todo e a regressão, onde a pessoa se integra profundamente a si mesma. As linhas de vivência que compõe a Identidade humana são os potenciais de contato e de vínculo; os potenciais de desejar e de sentir prazer: a capacidade

de fusão com o cosmo; a capacidade de vida e de saúde e a capacidade de partilhar da criação do cosmos.

Falamos da educação biocêntrica que se propõe levar em consideração esses potenciais no processo educativo. A visão dissociada do conhecimento e da vida permeia a escola ainda hoje e a preocupação com a construção do conhecimento para “preparar para a vida” (o trabalho), não ultrapassa a visão antropocêntrica de que o saber permite o poder e a pessoa tem possibilidade de se tornar proprietária. A meta da vida é a propriedade, o consumo. Na propriedade do saber, do poder e das coisas se coloca a perspectiva de liberdade e de felicidade individual e egoísta, conforme a ordem das relações sociais vigentes. A educação biocêntrica entende que o desenvolvimento deve abarcar os potenciais, sem limite para a educação humana.

As perturbações da auto-estima impedem as expressões naturais da afetividade como o amor, o altruísmo, a amizade, a maternidade etc. O que vincula mafiosos, gangs, racistas e sectários é uma profunda patologia da afetividade; o medo da diversidade. A identidade compromete a unidade completa do organismo, as funções orgânicas, o humor endógeno, a percepção e o sentido ético.

O *nível de consciência* é o segundo fator estrutural da identidade humana. A percepção do essencial e o nível de expansão da consciência, vinculam o indivíduo ao universo e aos outros seres humanos. Permite ao indivíduo vincular-se a tudo o que está vivo. Suas tendências são de exaltação e de devoção pelo milagroso fato de existir, amor infinito, compreensão e compaixão. Este é o pensamento de Rolando Toro (1999).

O *nível de comunicação* é o terceiro fator estrutural da identidade. Há um nível de comunicação semântica, frases habituais de gentileza. Há um nível de comunicação mais sutil, com tom de sinceridade, de compreensão íntima, de tácito acordo e que fala mais à alma que ao intelecto. Nesse nível de comunicação as pessoas se sentem vivas. Há algo “diferente” em certas formas de comunicação que adquirem intensidade, calor, sensações sutis, na manifestação-ocultação de significados. Há sinais mais complexos que falam uma nova linguagem de intimidade, de compreensão, uma espécie de acordo silencioso (TORO, 1999).

Na comunicação, segundo Jaspers “flui a cumplicidade absoluta de viver o instante juntos” (TORO, 1999, p.10). Sem a comunicação de convivência não é possível viver. Exercícios vivenciais (de biodança) podem permitir a comunicação neste nível sutil e romper o gelo de nossas relações. Aí a vida flui.

A educação biocêntrica integra vivências no processo educativo a fim de promover o desenvolvimento da identidade humana do educando pela expressão saudável de sua afetividade. É preciso perceber as patologias da comunicação gestual que se caracteriza pela dificuldade expressiva e de vínculo. Os matizes da comunicação revelam os níveis da receptividade e afetividade global, cujas formas são gestuais ou verbais (TORO, 1999).

Os transtornos da comunicação através das palavras se dão em níveis distintos. A desorganização da linguagem pode ser um sintoma de psicose e se caracteriza pela fuga de idéias, desagregação do pensamento, a ruptura do sentido da frase, a desintegração de frases e palavras. Formas menos graves são a ironia cruel e a tendência à obsenidade na linguagem (TORO, 1999).

Como a sala de aula é permeada por diversos tipos de linguagem, a linguagem gestual e falada, são as mais habituais e merecem a atenção do educador para a intercomunicação com os educandos. A sensibilidade, a opção pela dimensão ética desta tarefa de educar torna indispensável o cuidado e o conhecimento das linguagens para melhor compreender os educandos.

A desqualificação é outra patologia da comunicação. Com frequência é um hábito inconsciente. Às vezes está mascarada como uma “crítica construtiva”. Às vezes vem acompanhada com uma gentil qualificação. “És encantadora, só que te falta emagrecer alguns quilos”. Na universidade, entre colegas do sexo masculino, é costumeiro fazer-se comentários jocosos, “bricadeiras”, “gozações” que encerram uma sutil desqualificação. A desqualificação é a via contrária da construção amorosa. É algo destrutivo que esconde inveja, ciúme, competição e medo (TORO, 1999, p.11).

Ecofatores e antecedentes biográficos constituem-se o quarto elementos determinantes da afetividade. A possibilidade de que existam componentes genéticos na afetividade está em discussão e em

comprovação. Pelos estudos de Adrián, Paul Weis, Kenneth Roeder e Erich von Holts, a afetividade das pessoas pode estar determinada, em parte, pelas funções neuroendócrinas (TORO, 1999).

As experiências infantis constituem determinantes das tendências afetivas adultas de amor e de ódio. Esses pressupostos são importantes para se atuar em aula. Conhecer a família e a história de cada aluno seria o ideal. Em terceiro lugar, o contexto social pode desencadear respostas agressivas nas massas humanas, durante governos totalitários.

A afetividade é determinada por fatores genéticos, fisiológicos, culturais e ambientais. “Somente um estado de expansão da consciência pode regular as relações humanas e transcender a malignidade que adquirem formas monstruosas no inconsciente coletivo” (TORO, 1999, p.11). É importante o educador perceber que o que define a Identidade são os ecofatores que interferem sobre os potenciais. No homem o principal ecofator é humano. A forma como eu vivo coincide com a dos outros. Não somos indivíduos. Isso é ilusão.

O sentimento de estar sozinho no mundo e de uma escassez muito grande. Se a célula se desenvolve sozinha, fora do contexto, se torna um câncer que mata todo o sistema na ilusão de ser “mais” ela. O sistema de vida hoje sugere viver cada vez mais sozinho, cada vez mais enclausurado. A mídia e o mercado reforçam o viver sozinho. Enaltece-se o viver sozinho, um quarto incrementado com tudo que sugere o consumismo. Confunde-se a liberdade com o estar só. Para o pensamento burguês, ser livre é ser proprietário individual e exclusivo. O padrão é muito comercial. Temos que cuidar para não desaprender os vínculos, o viver com os outros, desaprender a afetividade. A biodança resgata os ritos tribais de vínculo (GONZALES, 2001).

A linha da afetividade é central na formação da identidade. Em relação com a criatividade, a sexualidade, a transcendência, a vitalidade, a afetividade tem uma organicidade de teia, se quisermos consagrar a teoria da Matriz S, cuja abordagem filosófica é nomeada *bootstrap*, segundo a qual o universo é compreendido como uma teia de eventos inter-relacionados, mas com a afetividade na posição central. Ela é o eixo. A afetividade é a categoria básica para compreen-

der as relações econômicas, políticas, sociais e culturais que veremos em momento posterior.

Antes de ser amor, a afetividade é minha capacidade de amar. O amor é a afetividade em ação. Tem a ver com a auto-estima, com a identidade. Quando estou cheio de amor vou dirigir este amor de forma diferenciada a alguém. Mas a base é o amor indiferenciado. O amor de um educador por seus alunos é indiferenciado. Uma pessoa desespera a perda do amor do outro porque não tem o amor indiferenciado, o amor de base, o amor de si mesmo. De que modo um professor dissociado, sem amor, sem auto-estima pode empreender o processo de educação cuja essência é esta afetividade comprometida e solidária?

A afetividade é complexa. A afetividade, dissemos, tem uma base instintiva. O instinto ativado provoca a sensação. A sensação desperta a emoção. Existem emoções que temos necessidade de elaborar. Aí passamos a simbolizá-las. Nessa medida as emoções se tornam sentimentos. Quando as lembramos, alguns dias depois, é porque já se tornaram sedimentadas, se tornaram sentimento. A afetividade é sentimento que brota do instinto, passa pela sensação, é vivida como emoção; elaborada na consciência se torna sentimento. Sentimentos são emoções com duração no tempo: amor, ódio, ciúme, solidariedade... A emoção que lembramos depois de uns dias virou sentimento.

No sentimento de abundância afetiva podemos “esparrramar” esse amor. No sentimento de escassez assumimos um estereótipo. Se o educador é estereotipado, os educandos percebem o vazio e não evoluem daquele nível. Se o educador é afetivamente amoroso, os alunos crescem. A destrutividade é uma patologia da afetividade. Não há justificativa para a destrutividade. A estrutura da nossa sociedade se baseia na destrutividade. Essa sociedade é patológica.

A estrutura do ego tem a ver com a identidade. O núcleo da identidade é formado por elementos genéticos mais o ambiente ou cofatores. A estrutura do ego seria uma capinha na identidade. Às vezes é forte para não entrar em contato com ela. Às vezes é fraca justamente para expressá-la. O suicida está sofrendo. O suicida confunde a morte do ego com a morte do todo, de si mesmo. Pessoas de comportamento egóico muito violento tem uma identidade fraca. Ela pode ser potencializada.

Mais que nunca, percebe-se hoje que o homem evoluiu astronômicamente em termos técnicos e perdeu-se em termos humanos. Estamos quase na era das cavernas, tal a crua brutalidade com que a humanidade está se movendo em processos de guerra e de destruição contra o outro ser humano. Precisamos de sensibilidade, precisamos resgatar a possibilidade de amar, de ser solidário, resgatar nossas condições humanas de saúde.

Outro elemento afetivo ao qual o educador deve estar atento é que a afetividade pode estar ligada à sensibilidade ou não. Há pessoas que são afetivas mas que não conseguem expressar. Hitler era uma pessoa extremamente sensível. A base do nazismo é a estética assentada na sensibilidade, na inteligência e na falta completa do amor. O nazismo é uma manifestação profunda das patologias da afetividade. Foi capaz das maiores brutalidades contra a diversidade do semita judeu à qual dirigiu sua investida.

Se uma pessoa pode ser sensível sem ser afetiva, alguns dos nossos alunos podem apresentar essas características. Por outro lado, a pessoa que é afetiva, mas não é sensível é porque não percebe o outro. Há pessoas muito rústicas. Precisamos ser sensíveis e perceptivos para ver o diamante. Às vezes a pessoa não aprendeu a forma de se expressar. Um aspecto da educação é exercitar para a sensibilidade, para a expressão das emoções e dos sentimentos de forma integrada e saudável.

A afetividade é a inteligência da vida no cosmos

A afetividade determina a evolução completa do ser humano, desde a vida intrauterina à maturidade. A inteligência tem sua raiz, sua base estrutural na afetividade. Os processos de adaptação ao meio, a construção do mundo se organizam em torno das protovivências afetivas. Há uma inteligência emocional. A capacidade de aprender, a memória, as percepções são condicionadas pela afetividade. As motivações existenciais que desenham nossa trajetória na vida são de natureza emocional. Assim, a estrutura seletiva, as preferências e o juízo estético são influenciados pela afetividade (TORO, 1999).

A afetividade é a inteligência cósmica. A inteligência ética não é intelectual. Na *Analética*, Dussel também fala do ponto de partida

essencial da ética que é a percepção do outro na condição de vítima, na pobreza, na miséria, na marginalidade, caído e explorado (DUSSEL, 2000). A inteligência ética tem suas origens na forma de organizar estruturalmente o mundo e a relação com os outros: “[...] a aprendizagem da linguagem, da literatura, da poesia, da arte, possui uma gênese afetiva” (TORO, 1999, p.13).

“Nossa sociedade tem uma patologia afetiva ostensiva” (TORO, 1999, p.13). O gênio da espécie não é a inteligência e sim a afetividade orientada à tolerância, à compaixão, à amizade e ao amor. A afetividade é a raiz nutritiva da vida.

Reiteramos a idéia de que é necessário que a educação considere a afetividade sadia e trabalhe integralmente com ela, mas considere também as suas patologias para atuar de forma pertinente e eficaz. A falta de amor a si mesmo gera autodestruição. A segunda forma patológica é a dificuldade de contato-comunicação. Outra patologia é a intolerância frente à diversidade gerando domínio e submissão. Outra patologia de nossa cultura é o egocentrismo e o individualismo vinculados à idéia do ser como ter e como poder. O maior representante da visão holística no Brasil, Pierre Weil, afirma que

[...] esses padrões (sociais) calcados na tendência à autoafirmação excessiva, da sociedade dominada pelo paradigma mecanicista, implicam poder, controle e dominação dos outros pela força, numa classe organizada dominante em posições de poder mantidas de acordo com hierarquias sexistas e racistas, na ênfase na competição e não na cooperação, e no endeusamento de uma tecnologia que tem como meta o controle a produção em massa e a padronização (*apud* TAVARES, 2000, p. 62).

Essas patologias, umas individuais e outras sociais, devem ser consideradas na educação. Ignorá-las é desvincular-se da realidade, é abrir espaço para um processo desagregador provocado primeiro pela pessoa que trabalha em sala de aula e no contato com os colegas. Para um processo educativo integrado, podemos perceber que há índices de afetividade que devem ser considerados na percepção dos educandos, tais como:

- Capacidade de identificar-se empaticamente com o outro, sentir o outro como parte de si,
- Capacidade de experimentar ternura pelo outro,
- Capacidade de se expressar e de se comunicar sinceramente,
- Capacidade de dar e de receber afeto,
- Capacidade de luta pelo bem estar do outro,
- Capacidade de autodoação,
- Capacidade de escutar o outro,
- Capacidade de valorizar e qualificar o outro,
- Capacidade de vincular-se com os membros da espécie humana sem discriminação de raças e ou outras.

A amorosidade permeando o universo. A afetividade permeando a vida humana

A amorosidade é a força criadora que organiza o surgimento, a expansão e a manutenção do universo. É a vida articulada no processo irreversível da criação, originando a surpresa de cada ser como sua expressão. A amorosidade permeia tudo no universo. Nós perdemos a sensibilidade e a percepção desta amorosidade, mergulhados em relações competitivas, endereçados a uma luta pela propriedade de bens para o consumo, de poder, de conhecimento. Nossa postura “objetiva” e mecanicista diante da realidade nos privaram da sensibilidade e, conseqüentemente, perdemos o contato com o sagrado de cada manifestação da vida.

No reconhecimento desta amorosidade como afetividade no homem, é preciso buscar, no processo educativo, as atividades e vivências que engendrem os vínculos amorosos na escola e na sociedade. Uma das formas da afetividade é a amizade. É um dos sentimentos mais profundos e nobres, combinando a afetividade, o sentimento estético, a lealdade e a sintonia da consciência. Para Ronald Laing “um homem enfermo é quem não tem amigos”. A amizade é um sentimento que permite ao outro ser livre. Na amizade há profundo respeito pelo que o amigo sente. É um sentimento complexo que se aprofunda com o passar do tempo. “Amigo é coisa pra se guardar no lado esquerdo do peito” diz a música de Milton Nascimento. Platão

expressava o mesmo cuidado ao afirmar que não se deve deixar crescer o mal no caminho da amizade. Temos que cuidar do amigo (TORO, 1999, p. 33).

Na amizade, cria-se uma rede mental, um código que só os amigos compreendem. A fecundação de cérebros é um fenômeno real e se manifesta em aspectos intelectuais e existenciais. A amizade é essencialmente criadora. “Um homem sem verdadeiros amigos é efetivamente inconsistente. Ter um amigo é ter uma bem-aventurança, um maravilhoso dom da existência” (TORO, 1999, p. 33).

A biodança propõe a “dança do amigo” e a escola deveria se preocupar em propiciar o surgimento dos sentimentos de simpatia e afinidade entre os alunos; identificar-se no olhar o mundo junto, apesar das diferenças; permitir o confronto das divergências para se reconhecerem mutuamente e não se destruírem; realizar projetos e tarefas juntos, com os mesmos objetivos; celebrar o sucesso de ações realizadas em conjunto; escutar o coração do amigo, identificando-se com os sentimentos do outro; estimular a conservação dos sentimentos de amizade, de fidelidade de sentimentos (TORO, 1999, p. 33).

Uma educação que não estimula a amizade e as relações afetivas sólidas não prepara o educando com o ingrediente da transformação, da mudança das estruturas a partir de relações solidárias promotoras da qualificação do outro. O entrelaçamento afetivo, amoroso e ético entre as pessoas é que sustenta e garante um mundo melhor. Neste sentido salta à vista a necessidade de educar para o tato e o contato, para a carícia e a ternura. A princípio parece impossível e o educador pode ruborizar diante desta exigência. Numa sociedade do conflito, da competição e da dissociação raramente experimentamos o abraço que sintetiza essas qualidades. Inicia-se de forma lenta e progressiva a educação afetiva. Ela é comprovadamente possível.

A emoção do abraço tem uma qualidade singular. É a proximidade do outro, em um ato recíproco, de sustentá-lo em toda sua humanidade, de assumi-lo corporal e espiritualmente. O abraço possui um matiz mais religioso que sexual. O abraço alude à fraternidade, à comunicação generosa. Tem sua fonte na certeza de pertencer a uma irmandade universal. O abraço é um meio supremo de perceber o outro como um semelhante. Mediante o abraço é possível alcançar o

transe de fusão de duas identidades em uma identidade maior (TORO, 1999).

Atente-se para a importância da educação afetiva do educando e a promoção de seu desenvolvimento humano. O abraço é um ato de encontro de si mesmo e do outro. Trata-se de um ato sutil de fusão recíproca. “Para que esto sea posible, é necesario una actitud permissiva y un sincero deseo de recibir al otro” (TORO, 1999, p. 33). É fácil abraçar pessoas íntimas, mas é difícil fazê-lo com um estranho. São Francisco foi até aos leprosos e os brindou com seu abraço. É difícil abraçar um mendigo ou um louco. É difícil abraçar um colega que se firma na oposição competitiva e de busca de poder. Cada pessoa descobre, porém, em sua capacidade de abraçar, seu nível de humanização, seu grau de evolução afetiva (TORO, 1999).

Temos presenciado cotidianamente um nível de sofrimento muito grande em muitos de nossos educandos. No bojo do processo educativo é necessário levar em conta não somente a temática, mas a realidade do sofrimento e da felicidade na vida humana. No semblante do educando muitas vezes está estampado o brilho da felicidade e na maioria das vezes a névoa do sofrimento. Como não mobilizar-se diante do sofrimento infantil, juvenil e adulto? O papel, a tarefa, a missão do educador não se reduz à transmissão ou construção do conhecimento. É uma missão que transita do sofrimento à felicidade.

Rolando Toro disse: “[...] sin embargo, resulta extraordinariamente misterioso el hecho de que hayamos construido una cultura del sufrimiento” (TORO, 1999, p. 23). O nível do sofrimento aumentou nos últimos anos da história humana. “La cantidad de sufrimiento que sobrelleva nossa época es inimaginable” (TORO, 1999, p. 26).

Reconhecemos, hoje, que os sistemas sociais incluem imensos sacrifícios. Sistemas sociais, na maioria dos países, hoje, se mantêm sobre os pressupostos de altos níveis de sofrimento provocados pelos sistemas de trabalho e de exploração, pela concepção belicista, pela discriminação social, pelos hábitos de exigência em todos os microsistemas de poder, pelas enfermidades culturais (TORO, 1999, p. 26). Estas e outras formas de sofrimento geram o “sentimento trágico da vida” de que fala Miguel Unamuno. Convicções filosóficas de que há um elemento trágico na existência humana iniciaram na

Grécia. Os resíduos da fatalidade mítica continuam no fundo de nossa cultura. Inúmeros literatos, dramaturgos, poetas e pensadores são relatores máximos dessa cultura do sofrimento. Arthur Jores registra 1.500 enfermidades geradas exclusivamente por nosso estilo de vida (TORO, 1999, p. 26).

Do oriente, Buda postula uma serenidade com o amortecimento dos desejos e das emoções para fugir do sofrimento. No ocidente o nosso símbolo religioso é o crucificado.

Teríamos que seguir o rastro dos gênios que buscaram a trama perdida da felicidade e a encontraram: nas 'Canções de bilitis', de Safo; em alguns poemas de Gracilaso; no 'Aleluia' de 'O Messias', de Haendel; nas Cantatas de Bach; na maioria das obras de Vivaldi e Corelli; nas pinturas de Boticelli; na 'A Virgem das Rochas' de Leonardo da Vinci; nas esculturas Tântricas de Khajuraho; nos poemas de Tagore; em algumas composições de Gerard Harison; nas músicas e danças Hawaianas (TORO, 1999, p. 26).

São alguns gênios que conheceram a essência da alegria. A maioria flui pelas vertentes da dor. O movimento hippie buscou com inocência a felicidade num mundo sórdido, para logo ser contaminado e destruído pelo sistema e as drogas infiltradas pela CIA.

Toro (1999, p. 27) acredita que a espécie humana será assinada por uma essencial modificação das estruturas que geram sofrimento para ser trocada por aquelas que geram felicidade.

A Biodança é uma metodologia que propõe introduzir esta variável, modificando os microssistemas sociais, no sentido de restabelecer o vínculo originário entre dança, encontro e felicidade, movimento-alegria, movimento-amor. Se nos encontramos no espírito da vida podemos ter a certeza que a felicidade é uma condição intrínseca da existência.

A fonte mais freqüente do sofrimento é a perda do amor. A repressão afetiva tem sua origem mais profunda num pavor metafísico e não tanto em causas culturais. Os efeitos imediatos do sofrimento são a desvalorização de si mesmo, regressão patológica e depressão,

impulsos destrutivos e autodestrutivos, a resignação diante do sofrimento perante a fatalidade. O sofrimento influi profundamente em todos os níveis do comportamento. Um homem ferido tem uma força pavorosa que o torna perigoso para si mesmo e para os demais.

Os efeitos sobre o equilíbrio neurovegetativo podem baixar o nível imunológico dando margem a enfermidades psicossomáticas, infecções virais, surgimento de neoplasias. O câncer surge freqüentemente no segundo ou terceiro mês depois da perda ou do abandono de um ser muito querido.

Já dissemos acima, o sofrimento estampado no rosto das crianças e dos jovens nas salas de aula é muito freqüente. As causas são as mais variadas, principalmente as familiares onde se aninham todas as seqüelas de um mundo estruturado de forma injusta e onde se reúnem os mais variados problemas de ordem familiar e de relacionamento. O educador tem que ter presente esta realidade do seu aluno para desencadear, no contexto, um processo de educação integradora e competente. Nestes casos

[...] o caminho que vai do sofrimento à plenitude é diferente: – depois de uma primeira etapa de desconsolo, o indivíduo sente certo alívio de sua angustia. Volta-se a si mesmo juntando as suas energias, com o que reforça sua Identidade. – violência criadora: a hostilidade e a raiva, são conduzidos a fins construtivos pela criatividade; – a atividade: em vez de paralizar-se redobra seus esforços no trabalho; – rebeldia frente às dificuldades: do fundo do sentimento de fracasso extrai a força para alcançar a plenitude (TORO, 1999, p. 28).

Diante da complexidade afetiva, do sofrimento e da alegria humanas, o desafio ao “gênio” criativo do professor o invoca para um processo de construção orgânica de sua própria plenitude afetiva no processo de construção da plenitude dos seus alunos. O projeto pedagógico do educador da escola centrada na vida visualizará uma perspectiva de ecologia humana nos seus horizontes. Ao tratar dos fundamentos da ecologia humana Toro (1999) afirma que ela se origina na rede de relações entre seres humanos.

Ao entrecruzarmos as linhas de potencial humano de vínculo, de prazer, de integração, de transcender e de criar, podemos provocar a fecundação recíproca de tais potenciais ou bloqueá-los e inibi-los. Depende da relação que facilitamos nos nossos educandos. As relações que geramos em aula são de nível orgânico, vivencial e noético porque os seres humanos são os ecofatores mais poderosos que existem. Originariamente os pais constituem a matriz ecológica dos filhos. O educador, na linha da ecologia humana, deve investigar as relações tóxicas ou nutritivas que modulam o desenvolvimento humano dos educandos. Cada um tem sua estrutura ecológica humana (TORO, 1999, p. 29).

Ao educador e facilitador da vida, cabe a imensa responsabilidade de propiciar as condições desse desenvolvimento. Contudo, as instituições da família, da escola, das igrejas e das religiões não se habilitaram para trabalhar com os potenciais afetivos, sexuais, vitais e transcendentais dos filhos, dos fiéis, dos educandos. A biodança foi o primeiro movimento que teve a ousadia de propor-se um trabalho de frente a essas dimensões mutiladas no dia-a-dia pela cultura, pelo sistema social e pelas relações vigentes. O genial método criado por Toro (1999), fundamentado em impressionante bagagem interdisciplinar de conhecimento, sistematizou uma maneira de desenvolvimento dos potenciais que utiliza a música, o movimento e a linguagem poética para desencadear vivências que potencializam a capacidade de amar e de vincular-se, de desfrutar do desejo e do prazer, de criar, de transcender, de ter saúde cada vez mais consistente.

A educação biocêntrica se propõe integrar o conhecimento escolar ao conhecimento da vida, produzindo um homem de sabedoria e não somente um técnico. Ela vem articular a superação das dissociações entre o saber e o viver, entre instrução e educação, entre o corpo e a alma. Ela integra as pedagogias que mais se concentram sobre a vida. Para isso ela integra também o estudo da ecologia humana, investigando as relações tóxicas ou nutritivas que modulam o desenvolvimento da existência no ambiente escolar e da sala de aula. Biodança é o sistema mais eficaz para livrar-se da contaminação que geram as pessoas tóxicas e para estabelecer novas relações nutritivas.

Com a expressão: “as pessoas se instalam nos órgãos”, Toro (1999, p. 32), a partir das descrições de Lope Ibó sobre a estrutura

psicológica das pessoas tóxicas afirma que a convivência com as pessoas tóxicas é sempre prejudicial: “a existência se torna catastrófica”.

É necessário separar-se de pessoas tóxicas e buscar pessoas nutritivas. Às vezes a comunicação se torna tóxica por diferenças ideológicas ou religiosas. Os ambientes das instituições de ensino, por não trabalharem as relações, por não promover processos de integração entre as pessoas, por estarem impregnadas pela competição e de vontade de poder, desenvolvem um ambiente tóxico em torno de questões ideológicas. A intolerância com o pensamento diferenciado revela uma situação afetiva doente.

Referências

CAVALCANTE, Ruth. **Revista educação biocêntrica**. Porto Alegre: [s.n.], 1997.

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. **A educação integrada à vida: analética e visão biocêntrica – distinções e convergências**. Pelotas: [s.n.], 2002.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977.

TORO, Rolando. **Biodanza**. São Paulo: Editora Olavobrás; Escola Paulista de Biodanza, 2002.

_____. **Afectividad**. Curso de formação docente de biodanza. Sistema Rolando Toro. [s.l.]: [s.n.], 1999.

Bibliografia anexa

CAPRA, Fritjof. **Sabedoria incomum**. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

TORO, Rolando. **Teoria da biodança** – coletânea de textos – Organização Cezar Wagner de Lima Góis - ALAB - Ceará - 1991.

_____. **Coletânea de textos de biodança vol.1 e 2**. [s.l.]: [s.n.], 1990.

_____. **Coletânea de textos de biodança**. Fortaleza-CE: Editora ALAB, 1991.

_____. Princípio Biocêntrico. **Cadernos de vivência**. Fortaleza/Recife: Centro de Vivência/Editora Bio's, 1986.

_____. **Teoria da biodança**. Tomo I e II. Salvador: 1982 (Apostila)

_____. **Teoria da biodança**: Coletânea de Textos. Fortaleza. ALAB, 1991.

_____. **Biodança**. Sistema Rolando Toro: Afetividade. 1997 (Apostilas digitadas).

Abstract: The text treats of the integration of the rational process of construction of the knowledge with the affectivity. Starting from the characteristics and essential dimensions of the affectivity, our rehearsal seeks to glimpse the operational processes that you/they allow to develop an education centered in the life, using and integrating the daily experience, the own way of living. The being and the emotion that it springs from the contact capacity, of creation of bonds, of solidary friendship, of love, of fraternity and of compassion. While the lovingness permeates everything that exists, the affectivity is the intelligence of the life, in the cosmoses and in the man.

Key Words: Affectivity, education, existence, integration.